

**A arte barroca na trajetória da modernidade:  
a historiografia e a Revista do  
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

*Dr. Mario Roberto Bonomo - UNB*

## **A arte barroca na trajetória da modernidade: a historiografia e a Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

*Dr. Mario Roberto Bonomo - UNB*

Os artigos considerados de interesse ao estudo da historiografia da arte brasileira na Revista do Patrimônio, desde o primeiro número, serviram para análise inicial dos aspectos quanto ao conteúdo teórico e às contingências históricas que determinaram a trajetória da modernidade na publicação do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Um contexto em que a arte barroca, passa a ser estudada e valorizada graças ao pensamento modernista, com a presença de dois dos mais importantes colaboradores, tanto da Revista quanto da Instituição: Lúcio Costa e Mario de Andrade, importantes pilares da modernidade brasileira.

O estudo feito da Revista constitui-se em uma contribuição, pelo menos, para que estes números possam ser reeditados de modo que se tracem novos parâmetros com relação ao conhecimento e à difusão da História da Arte no Brasil.

A Revista do Patrimônio, em 32 anos, entre 1937 e 1967, teve 16 números publicados. Até 1946 foram publicados anualmente e, a partir desta data com intervalos que chegaram a oito anos entre um número e outro. Estes números considerados da primeira fase, ainda com Rodrigo Mello Franco de Andrade na direção da Instituição, foram produzidos com uma estrutura de anuário com os artigos em formato de capítulo de livro. Apenas quatro números foram publicados entre 1969 e 1984, que pode ser considerada uma fase

intermediária; e uma terceira fase iniciada em 1986, em que a Revista passa a ser temática com a publicação, até 2002, de nove números.

Os números da primeira fase da Revista, já são raros, a coleção completa pertence à Biblioteca Noronha Santos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Rio de Janeiro e registrada em microfilme na Biblioteca Nacional.

Apesar de haver uma bibliografia considerável, os títulos sobre a História da Arte no Brasil são dispersos, pela não existência de um grupo que possa se constituir em uma Escola de historiadores da arte. Para compreender a posição da Revista do Patrimônio é preciso considerar alguns aspectos de como a história da arte brasileira é tratada de modo genérico, no qual a arquitetura faz parte de seu universo.

Quanto à arte barroca, especificamente, na Revista do Patrimônio há um equilíbrio entre o conteúdo dos artigos dedicados à arte e à arquitetura. Os artigos tratam em grande parte da produção artística do século XVIII. Há outros, em menor quantidade, sobre arqueologia, fotografia, mobiliário, documentação histórica e biografias, na sua maioria pela primeira vez estudados.

Entre os colaboradores da Revista, havia nomes de destaque da intelectualidade brasileira como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que não eram historiadores da arte propriamente ditos. Sobre eles e outros, dizia Lúcio Costa ao falar da Academia como era chamado o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: “Apesar do lastro desses colaboradores, havia altos e baixos na dedicação às tarefas. Éramos todos ao mesmo tempo dedicados e relapsos, e o peso maior da carga recaía no sempre presente diretor...”<sup>1</sup> Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Não há como negar que a existência da Revista foi possível pela dedicação deste homem que por quase 30 anos esteve à frente do Instituto do

---

<sup>1</sup> Lúcio Costa. ‘Prefácio’, in: “Rodrigo Melo Franco de Andrade. Rodrigo e seu tempo: coletânea de textos sobre artes e letras”.Rio de Janeiro, MinC/Pró-Memória, 1986. p.6.

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No programa do primeiro número, de 1937, Rodrigo Mello Franco de Andrade justifica:

De fato, existem estudos de grande interesse sobre vários aspectos do patrimônio histórico e artístico nacional. O que sucede é que eles se acham dispersos em folhetos, jornais e revistas, cuja procura requer esforço e paciência (...) ninguém contestará, no entanto, que há necessidade de uma ação sistemática e continuada com o objetivo de dilatar e tornar mais seguro e apurado o conhecimento dos valores de arte e de história de nosso país.<sup>2</sup>

O que se propunha com a Revista do Patrimônio era aplicar uma metodologia ao estudo da arte e da arquitetura do período colonial e do século XIX com caráter científico da pesquisa de documentos guardados em arquivos. A Revista, porém, teve uma certa autonomia quanto à preservação do patrimônio histórico. Esta, tratava da história e teoria da arte e da arquitetura, na produção de trabalhos científicos com base nas fontes primárias, enquanto os trabalhos de restauração executados pelos arquitetos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não eram temas abordados pela Revista, pois, tratavam-se de trabalhos práticos de execução de obras dos serviços da Instituição. Portanto, tinha a Revista o objetivo específico de transmitir a erudição a respeito da arte e do patrimônio histórico, sem mencionar os trabalhos ou mesmo de teorizar o próprio conceito de patrimônio, monumento, preservação ou memória, já que o Decreto-lei n.º 25,<sup>3</sup> serviria, e ainda serve de importante referência de preservação do patrimônio histórico no Brasil. Embora esta distinção não houvesse na Instituição, pois os artigos publicados pela Revista eram, em alguns casos, resultados das pesquisas que antecederiam a um feito prático, fosse ele a restauração de monumento ou a criação de um museu.

---

<sup>2</sup> Rodrigo Mello Franco. 'Programa', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", número 26, 1997, p.22.

<sup>3</sup> Decreto-lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937.

A respeito da Revista do Patrimônio e da Instituição resumiu Germain Bazin:

*Amparado pela compreensão do presidente Vargas e de Capanema, que liberaram no tempo da fundação, as verbas necessárias, em poucos anos Rodrigo criou e tornou operacional um organismo notavelmente estruturado, chamando para junto de si os arquitetos mais modernos (entre os quais Lúcio Costa, que será o urbanista de Brasília), formando uma equipe de pesquisadores cuja primeira missão foi coletar os documentos, em grande parte ainda conservados nos arquivos das confrarias responsáveis pela construção dos monumentos religiosos. Rodrigo fundou uma revista e um serviço editorial fez classificar setecentos e dezesseis monumentos, vinte oito conjuntos arquitetônicos e doze conjuntos urbanos; instalou em cada sede de distrito os serviços de conservação e restauração necessários, criou museus para recolher obras de arte dispersas ou em estado de risco.<sup>4</sup>*

Quanto à questão teórica relativa ao barroco e especificamente ao barroco brasileiro, conceito e método de pesquisa, foram fundamentais os artigos de Hanna Levy; alemã, historiadora da arte, com tese defendida na Sorbonne, em 1936, sobre Wölfflin e que colaborou para a Revista do Patrimônio entre 1940 e 1945. Sabe-se apenas que em 1948, deixa o Brasil e vai residir nos Estados Unidos, sendo esta a última informação que se tem a respeito de sua pessoa.<sup>5</sup>

Poucos foram os artigos de uma abordagem exclusivamente teórica da arte, mas de grande valia como os de Hanna Levy: **Valor artístico, valor histórico: importante problema de História da Arte** (1940); **A propósito de três teorias sobre o barroco** (1941); **A pintura colonial no Rio de Janeiro**

---

<sup>4</sup> Germain Bazin. 'Países Ibéricos e América Latina', in: "História da História da Arte". São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 380.

<sup>5</sup> Ítalo Campofiorito. 'Introdução – as primeiras árvores', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional". número 26, 1997, p.12.

(1942); **Modelos europeus na pintura colonial** (1944) e **Retratos coloniais** (1945).

Sem dúvida, uma importante contribuição à metodologia da história da arte. No texto **A pintura colonial no Rio de Janeiro**, a autora tratava dos critérios que um historiador da arte precisava adotar quanto à leitura da imagem a exemplo dos historiadores de Viena que haviam adotado um método analítico visual da obra de arte como científico.

Hanna Levy acrescenta uma bibliografia ao texto, em que cita autores estrangeiros, e artigos de colaboradores dos números anteriores da Revista, bem como sobre a pintura colonial escrito por Araújo Porto Alegre para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1841<sup>6</sup>, em que considerava como o primeiro a respeito da arte colonial brasileira, e talvez por isso, lhe faltasse um aprofundamento necessário. Porém sua crítica foi direcionada principalmente aos historiadores que o sucederam.

O fato de que a principal obra de Porto-Alegre sobre a pintura colonial fluminense foi uma memória destinada a ser lida perante os membros do IHGB. Tratava-se, pois da primeira apresentação de um novo assunto, de um domínio desconhecido que deveria ser explorado e estudado pela ilustre assembléia. Por aí se vê que seria inteiramente improcedente considerar-se a preciosa 'memória' de Porto Alegre como uma fonte por assim dizer definitiva (...) Temos a impressão, no entanto, de que este aspecto particular da obra de Porto Alegre como fonte não foi tomado na devida consideração pelos sucessores do benemérito iniciador dos estudos da arte brasileira. É fato indiscutível que, em sua grande maioria, esses autores limitaram-se a recopiar Porto-Alegre. Raríssimos foram aqueles que procuraram ir buscar as suas informações nos documentos ou nas obras originais, precisamente porque tomaram as obras de

---

<sup>6</sup>. 'Memória sobre a antiga escola fluminense de pintura', escrito para a RIHGB, volume 3, 1841; citado por Hanna Levy em 'A pintura colonial no Rio de Janeiro'. in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", vol. 6, 1942, Rio de Janeiro, Mec, p. 78.

Porto Alegre não como um estímulo para pesquisas ulteriores, mas como um resultado definitivo.<sup>7</sup>

Neste texto, Hanna Levy enfatiza o que se tinha como pesquisa em teoria e história da arte antes da criação da Revista do Patrimônio. Seus textos, específicos de teoria da arte, no entanto, estabeleciam critérios quanto ao que devia ser preservado e restaurado pela Instituição. Com relação ao artista do período colonial, suas indicações, bem como sua preocupação, foram em saber das condições de formação e atuação do artista no quadro da época e as circunstâncias em que produziram suas obras; a existência das corporações de ofícios, o anonimato das obras, das assinaturas, quando havia, e as datas registradas das obras.

Em **Modelos europeus na pintura colonial**, a autora analisa os temas religiosos e a utilização das gravuras européias que serviram de inspiração aos artistas coloniais e que hoje se encontram na Biblioteca Nacional, como modelo observado pelos pintores coloniais, e da própria condição social dos mesmos. Com isso elaborava um novo método de pesquisa necessário para dar credibilidade as informações contidas nos textos.

Os textos sobre arte e arquitetura barroca estão na trajetória da modernidade e se apoiaram no embasamento teórico que levou ao reconhecimento desta arte e que teve em Mário de Andrade um de seus principais defensores, inclusive por este ter trabalhado no IPHAN entre 1937 e 1938 como assistente técnico da Instituição, no Rio de Janeiro. Em Mario de Andrade, a modernidade era a própria leitura que se começava a fazer da arte barroca, não só no Brasil como no contexto internacional, depois do desprestígio sofrido no século XIX. Com estreita ligação com o projeto de modernidade advindo de Gustavo Capanema na direção do Ministério da Saúde entre 1937 e 1945; o barroco tornou-se rapidamente importante elemento de referência histórica. Para o autor, o projeto de modernidade se

---

<sup>7</sup> Hanna Levy. 'A pintura colonial no Rio de Janeiro', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional". número 6, 1942, p. 35.

relacionava ao nacionalismo, sobretudo depois de suas visitas a Minas Gerais, que encontra no barroco, gloriosa saída para o passado colonial.

Nos artigos da Revista não há uma menção direta a esta questão, pois a exemplo do próprio Mario de Andrade, no artigo publicado na Revista do Patrimônio em 1937, **A Capela de Santo Antônio**, apresentava um tom menos inflamado, do que **O Aleijadinho**<sup>8</sup>, de 1928, no qual defende a autoria das obras do artista mineiro, mesmo sem a certeza da autenticidade. A partir de 1941, Mario de Andrade, de volta a São Paulo, colaborou com a Revista do Patrimônio, para qual escreveu apenas mais um artigo neste mesmo ano: **Uma carta do padre Jesuíno do Monte Carmelo**, sobre o padre pintor do século XVIII, da cidade de Itu, no interior paulista. A Revista do Patrimônio desde o início serviu à Instituição e a compreensão da arte brasileira. O resultado das pesquisas realizadas por seus colaboradores foi possível porque saíram em campo na obtenção das fontes primárias, em alguns casos isso significava viagens ao interior do país.

O principal colaborador foi sem dúvida Lúcio Costa, que trabalhou no IPHAN desde a fundação até 1972, quando se aposentou. O arquiteto escreveu para a Revista: **Documentação Necessária** (1937), **Notas sobre a evolução do Mobiliário luso brasileiro** (1939), **A arquitetura jesuíta no Brasil** (1941) e mais dois artigos sobre Aleijadinho um em 1969 e outro, em 1978. Sua primeira tarefa na Instituição, em 1937, foi restaurar a Igreja de São Miguel das Missões e a construir o Museu anexo. Data decisiva da modernidade, quando neste mesmo ano, Lúcio Costa com Oscar Niemeyer e Le Corbusier projetaram o edifício do antigo Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, símbolo da arquitetura moderna brasileira.

Entre tantos colaboradores, 84 nesta primeira fase, com critérios mais minuciosos quanto à pesquisa das fontes, estava Dom Clemente Maria da Silva-Nigra, cujos textos sobre a arte religiosa são dos mais apurados. Ao

---

<sup>8</sup> Mario de Andrade. 'O Aleijadinho', in: "Aspectos das Artes Plásticas no Brasil". 3ª edição, Belo Horizonte, Itatiaia, 1984, pp.11-42.

escrever sobre a prataria do século XVII, no Rio de Janeiro, mencionava a necessidade de “abrir as portas não só do rico tesouro, como também do valioso arquivo do secular Mosteiro de São Bento e consultar outrossim, algumas das nossas mais antigas páginas históricas”.<sup>9</sup>

Os colaboradores regionais, sendo ou não historiadores da arte, eram por assim dizer, aqueles conhecedores da arte de sua região, a exemplo de Gilberto Freire, em Pernambuco; Carlos Ott, na Bahia, Artur César Ferreira Reis, na Amazônia, Cônego Raimundo Trindade em Minas Gerais, Francisco Marques dos Santos e Noronha Santos, no Rio de Janeiro, alguns trabalhando para a Instituição em museus ou regionais em seus respectivos Estados. A Revista do Patrimônio teve seu caráter pioneiro nesta trajetória de conhecimento da arte brasileira, mesmo com a preferência pelo barroco, procurou ser abrangente, com temas relacionados à arqueologia indígena, à pintura do período de Nassau e a dos viajantes do século XIX.

A modernidade estava nesse caráter científico empregado pela Revista do Patrimônio, quanto aos métodos aplicados nas pesquisas em documentos antigos. Até então, a história da arte brasileira era encontrada em publicações esparsas, revistas de Institutos Históricos, publicações oficiais estaduais ou em livros sem este método científico.

Anterior ao surgimento da Revista do Patrimônio, no decorrer do século XIX, só alguns historiadores trataram de um estudo específico da arte brasileira a exemplo de Rodrigo José Bretas que escreveu em 1858 **Traços biográficos de Aleijadinho**. Um longo período a percorrer até o surgimento da Revista do Patrimônio, que teve por objetivo divulgar as pesquisas no âmbito da história da arte com um aprofundamento no que diz respeito às fontes primárias. Esta forma de conhecimento reflete ao que se passava de mudanças no país, a maneira de pensar, pois sobre o modernismo disse Antônio Cândido:

---

<sup>9</sup> Dom Clemente da Silva Nigra. ‘A prataria seiscentista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro’, In: “Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, número 6, 1942, p. 241.

*Com os modernistas ficou bastante desmoralizado o ufanismo dos decênios anteriores, a ótica deformante do otimismo patrioteiro. (...) Neste decênio de 1930 ocorreu um fato que esclarece os mecanismos do nosso nacionalismo cultural: a fundação das escolas superiores de estudos sociais, filosóficos e literários (...) Nacionalismo tinha, pois, um primeiro significado, digamos positivo, que exprimia o patriotismo normal e correspondia ao grande esforço de conhecer o país.<sup>10</sup>*

A pesquisa era o meio de atualizar o pensamento artístico brasileiro utilizado pelos modernistas. Estes recuperam valores do passado para elaborar o processo criativo da época, com vistas ao futuro, e dessa maneira fazer surgir a preocupação e os cuidados com o patrimônio histórico brasileiro.<sup>11</sup>

A Revista não se propôs a uma história da arte linear, mas tratar de temas conforme a elaboração de cada número, de modo que, o barroco aparecesse em artigos ao lado de outros estilos. Há porém nos artigos referentes ao barroco, uma separação entre a arquitetura e a arte, o que a História da Arte no Brasil, abordada de modo cronológico em outras publicações, não faz distinção entre uma e outra. Há um perfil enciclopédico, em algumas obras, sobre a História da Arte no Brasil, que valoriza a arquitetura do século XVIII, para depois enfatizar a pintura dos viajantes e assim quase que ignorar a arte e arquitetura religiosa do século XIX.

A intenção de estruturar um método de pesquisa é o principal elemento que determinou a modernidade da Revista do Patrimônio, pois isto fazia parte do contexto de conhecer nossa realidade. O caráter pioneiro das pesquisas feitas para os artigos esteve relacionado ao trabalho com as fontes documentais, até então guardadas em arquivos das corporações religiosas e a começar pela divulgação da decoração do interior das igrejas considerando-as obras de arte.

---

<sup>10</sup> Antônio Candido. 'Uma palavra instável', in: "Vários Escritos":. São Paulo. Livraria Duas Cidades, 1995., pp. 299-301.

A pesquisa torna-se fator fundamental para a credibilidade da arte barroca. As obras da arte religiosa estavam, quase todas preservadas, menos aquelas, por ação do tempo, por restaurações grosseiras, ou por fatores expressos, a exemplo de igrejas no Rio de Janeiro e em Salvador, demolidas para modernização das cidades.

Os estrangeiros no Brasil, como Hanna Levy, durante a Segunda Guerra Mundial, trouxeram contribuição inesperada e de grande importância ao conhecimento da teoria da arte, sobretudo no que diz respeito ao barroco, que já havia sido valorizado no contexto internacional. Portanto, a partir da Revista, se pôde constituir a identidade do patrimônio artístico e histórico nacional, por meio de firmar o saber específico fundamental para a ação de cultuá-lo. A permanência da idéia, no formato da Revista levou em consideração a finalidade para a qual a Instituição teve sua destinação de preservar, restaurar e vigiar este patrimônio. Em seus artigos, sem a cronologia da história da arte, a Revista, ainda serviu de referência bibliográfica da arte e da arquitetura do período colonial, porém não exclusiva, pois publicações recentes são necessárias ao estudo da arte brasileira.

Alguns aspectos podem ser levados em consideração quanto à presença dos modernistas na Revista, que contribuíram de modo decisivo para lhe traçar este perfil. Com relação à história da arte no Brasil a contribuição da Revista não correspondeu às necessidades que a ainda se sentem, pela ausência da formação de uma escola de pensamento da arte no Brasil. Os colaboradores, todos qualificados, tinham em sua maioria, interesses ou atividades que sobrepujam ao que se produzia na Revista, eram, portanto, apenas colaboradores isolados, que não chegaram a constituir um grupo. A ausência de textos elaborados por historiadores da arte é percebida, ao contrário daqueles dedicados à arquitetura em sua grande maioria. Os historiadores também não tiveram participação efetiva na Revista. As pesquisas de arquivo de cunho histórico ficaram a cargo de três religiosos cujos arquivos de suas Ordens lhes eram familiar. Há omissão quanto às

bibliografias em alguns artigos, que se assim fossem colocadas, seriam de grande valia e dariam maiores informações aos leitores.

Os colaboradores mais assíduos, ou seja, aqueles que contribuíram com maior quantidade de artigos para Revista, serviram, todavia, de referência para os que desejassem se aprofundar nas pesquisas relativas à historiografia da arte brasileira. O número comemorativo dos 60 anos da Instituição selecionou os melhores artigos, para uma reedição, acompanhados cada um de comentário e crônica, de valor informativo para os novos leitores, porém não conseguiu constituir um grupo de pensadores da arte. Mesmo porque, este não tenha sido o objetivo deste número da Revista, nem dos números anteriores.

A primeira etapa da Revista teve, sem dúvida seu caráter pioneiro de grande importância para a historiografia da arte brasileira, pois diante do interesse que o assunto despertava entre historiadores e professores da história da arte, cada vez mais se fazia necessário repensar em uma nova forma de conhecer a arte do passado. O que fez levar, posteriormente, a necessidade de pesquisa esmiuçada, quanto às informações tidas como verdadeiras e repetidas em publicações posteriores. Estas poderiam conter erros que não contribuiriam para o conhecimento da arte brasileira e seu avanço com trabalho erudito. Assim, torna-se fundamental que se mantenha este caráter científico iniciado pela Revista do Patrimônio, com acréscimo de novos títulos, para que a historiografia seja repensada pelo interesse e esforço de conhecer cada vez a arte brasileira e desse modo a riqueza do país.

**Bibliografia:**

ANDRADE, Mario de. 'O Aleijadinho', in: "Aspectos das Artes Plásticas no Brasil". 3ª edição, Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. "Rodrigo e seu tempo: coletânea de textos sobre artes e letras". Rio de Janeiro, MinC/Pró-Memória, 1986.

\_\_\_\_\_. 'Programa', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", Rio de Janeiro, MEC, número 26, 1997.

BAZIN, Germain. 'Países Ibéricos e América Latina', in: "História da História da Arte". São Paulo, Martins Fontes, 1989.

CANDIDO, Antônio. 'Uma palavra instável', in: "Vários Escritos". São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1995.

COSTA, Lúcio, 'Prefácio', in: "Rodrigo e seu tempo: coletânea de textos sobre artes e letras". Rio de Janeiro, MinC/Pró-Memória, 1986.

LEVY, Hanna. 'A pintura colonial no Rio de Janeiro', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", Rio de Janeiro, MEC, número 6, 1942.

\_\_\_\_\_. 'Modelos europeus na pintura colonial', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", Rio de Janeiro, MEC, número 8, 1944.

SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria da. 'A prataria seiscentista do Mosteiro de Santo Bento do Rio de Janeiro', in: "Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", Rio de Janeiro, MEC, número 6, 1942.